

2. COMENTÁRIO – A noção de estrutura

A estrutura é o efeito da linguagem. Este é uma hipótese comum à psicanálise, à etnologia e à lingüística. Estas disciplinas são, como se diz, estruturalismos. Se a pergunta anterior queria indagar a relação entre o trabalho de Freud e o de Saussure, esta que por sua vez quer indagar a relação entre o trabalho de Saussure, Lévi-Strauss e Lacan.

O estruturalismo de Lacan, entretanto se apóia em um conceito particular à psicanálise: o conceito de real. O real é difícil de apreender porque induz de imediato uma petição de princípio, um dialeto, um círculo vicioso: exige uma demonstração que se apóia sobre a tese que quer demonstrar.

Isso acontece exatamente porque real e realidade são noções que se confundem. Mesmo em filosofia estes léxicos merecem distinção. Em Abbagnano¹ o real é o que se refere à coisa e não ao nome. Realidade é o modo de ser das coisas enquanto existem fora da mente. O problema que a noção de realidade introduz é o da existência das coisas ou do mundo exterior. Isso se origina com o princípio cartesiano de que o objeto do conhecimento humano é somente a idéia. Assim o oposto de realidade é idealidade.

Em Lacan o real é um léxico que não funciona sem evocar imediatamente o simbólico e o imaginário. Poder-se-ia chamar esse conjunto de tópica lacaniana. O imaginário e o simbólico são instrumentos de apreensão do real entendido como o impossível de ser visto e ouvido. A imagem e a palavra, isto é, o significante, nem sempre dá conta de dizer o real. Quando dá, ele deixa de ser real. A estrutura da psicanálise se engancha aí, quer dizer, no ponto em que o simbólico e imaginário tomam corpo, ou seja, em que dão conta do real.

A armadilha do idealismo é, por outro lado, a de pretender fazer da linguagem uma função de comunicação coletiva, quer dizer, a função de supor alguém a quem a realidade se representa, alguém a quem a realidade quer apelar.

Podemos fazer uma esquematização distinguindo conhecimento e saber. O conhecimento supõe alguém existente, o saber supõe a linguagem, ou mais

¹ Dicionário de Filosofia.

precisamente, o significante. O conhecimento cerne a realidade, o saber cerne o real. O saber é de uma outra estrutura que possível ou impossível o real cerne. É a fórmula com a qual Lacan distingue real e realidade. Não quer dizer que o real não possa ser conhecido, há pouco indiquei que a função do simbólico e do imaginário é a de dar conta dele. Quer dizer apenas que ele resiste a ser conhecível porque não se trata de entender de alguma coisa, mas de mostrá-la. Esta via exclui a idealização e justifica a topologia.

A topologia lacaniana pretende dizer o real com artifícios distintos da imagem, dos conceitos e dos números. Ela tem mais a ver com o desenho do que com o cálculo, com o quadro-negro do que com o papel, com a amostra do que com a demonstração. Ela vai de encontro à idéia de que fazer psicanálise é fazer ciência.

Então, a topologia quer dar conta do real por outros meios. Em Freud esse real estava dividido entre o interior [psiquismo] e o exterior. Em Lacan esse real é unívoco e impossível de ser representado.²

O outro termo da topologia lacaniana é o simbólico. Nomeá-lo como “corpo do simbólico” não é uma metáfora. É que se não houvesse linguagem, que é o que discerne o corpo, este nem mesmo se constituiria. Se não pudesse falar o homem não cogitaria nem do corpo, nem do real, nem da realidade, etc.

O primeiro corpo, o simbólico, faz com que o segundo, o biológico, nele se incorpore. Incorporal é um léxico dos estóicos que afirmavam que o universo pode ser reduzido a uma explicação racional e que ele próprio é uma estrutura racionalmente organizada. A capacidade do homem de pensar, projetar e falar [*logos*] está plenamente incorporada ao universo.

O significante é incorporal. Não quer dizer que seja imaterial. O incorporal dá existência à matemática, à topologia e à lógica. A estrutura, isto é, o efeito da linguagem sobre o corpo, uma vez incorporada produz o afeto.

O afeto deve ser entendido como o que se articula entre o significante e o corpo. O afeto concerne ao corpo; uma descarga de adrenalina é do corpo; o afeto perturba o corpo; é pensamento o que o afeto descarrega. A idéia de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem sem dúvida permite verificar melhor o afeto do que a idéia de que o afeto é um rebuliço do corpo. A comoção, o

² Ver Nasio, J. D. *Mostração e topologia*. Inédito.

impedimento, o embaraço são diferentes níveis do afeto de angústia. O cansaço, a lassidão, a depressão são diferentes níveis do afeto da tristeza. Assim, o afeto chega ao corpo, cuja propriedade seria habitar a linguagem. Que Freud tenha dito que o afeto é deslocado simplesmente quer dizer que ele é metonímico, o que para o corpo é a regra e que mostra bem que a estrutura é a incorporação do significante.³

É secundário que o corpo esteja morto ou vivo. A data do nascimento do ser falante no homem é a sepultura. Ao contrário de qualquer outra espécie, no homem o corpo morto, o cadáver [*corpse*] não se torna carniça, o corpo que habitava a palavra, que a linguagem cadaverizava exige ser sepultado. Nenhum outro ser vivo exige a sepultura.⁴ A psicanálise constitui o ser vivo a partir do significante. Por seu turno, a zoologia o constitui a partir do indivíduo. Assim, nem tudo é carne. A sepultura antiga representa o “conjunto” no qual se articula a mais moderna lógica. O conjunto vazio das ossadas é o elemento irreduzível por meio do qual se ordenam outros elementos, os instrumentos do gozo: colares, copos, armas.

Olhada por este viés, a noção de estrutura em psicanálise, pouco tem a ver com a mesma noção na lingüística e na etnologia. A lingüística, é verdade, proporciona o material da análise, o significante, inclusive o aparelho com o qual se opera, o simbólico. Mas, suas operações são distintas. Uma está interessada na língua, a outra n’alíngua. O inconsciente pode ser a condição da lingüística, mas esta não tem a menor influencia sobre ele, porque deixa em branco o objeto *a* o qual é a aposta do ato psicanalítico.

O interesse de Freud pelas palavras antitéticas, tal como são apreciadas por um Abel, serve também de divisor porque para o lingüista a comodidade do significado exige que os significantes não sejam antitéticos:

“Alguns filólogos têm afirmado que, nos idiomas mais antigos, os contrários, tais como ‘forte-fraco’, ‘claro-escuro’, ‘grande-pequeno’, são expressos pelas mesmas raízes verbais. (É o que denominamos ‘significação antitética de palavras primitivas’.) Assim, no idioma egípcio antigo, *ken* originalmente significava ‘forte’ e ‘fraco’. No falar, evitam-se os equívocos, provenientes do uso dessas

³ Ver Televisão, p. 41-47.

⁴ MILLER, J.-A. O osso de uma análise.

palavras ambivalentes, através de diferenças de entonação e de gestos concomitantes, e, no escrever, pelo acréscimo de algo chamado ‘determinativo’— uma figura que não se destina a ser falada. Por exemplo, ‘ken’ com a significação de ‘forte’ era escrito com a figura de um homenzinho na vertical, após os sinais alfabéticos; quando ‘ken’ representava ‘fraco’, o que se seguia era a figura de um homem instavelmente agachado. Foi somente mais tarde, por meio de ligeiras modificações da palavra homóloga original, que se chegou a duas representações distintas para expressar os contrários nela incluídos. Foi assim que de ‘ken’ ‘forte-fraco’ derivaram ‘ken’ ‘forte’ e ‘kan’ ‘fraco’. Os remanescentes dessa significação antitética antiga parecem ter sido conservados não somente nas mais recentes evoluções dos idiomas mais primitivos como também nos idiomas mais novos e até mesmo em algumas línguas ainda vivas. Aqui estão algumas provas disso, retiradas de K. Abel (1884). No latim, palavras que permaneceram ambivalentes são ‘*altus*’ (‘alto’ e ‘profundo’) e ‘*sacer*’ (‘sagrado’ e ‘maldito’). Como exemplos de modificações da mesma raiz, posso mencionar ‘*clamare*’ (‘chorar’), ‘*clam*’ (‘macio’, ‘sossegado’, ‘secreto’); ‘*siccus*’ (‘seco’), ‘*succus*’ (‘suco’). E em alemão: ‘*Stimme*’ [‘voz’], ‘*stumm*’ [‘mudo’]. Se compararmos línguas afins, encontraremos numerosos exemplos. Em inglês ‘to lock’ (‘fechar’), em alemão ‘*Loch*’ [‘buraco’] e ‘*Lücke*’ [‘fresta’]. Em inglês, ‘to cleave’; em alemão ‘*kleben*’ [‘aderir’]. A palavra inglesa ‘without’ (que é realmente ‘withwithout’, ‘com — sem’) é empregada atualmente apenas como ‘without’ (‘sem’). O ‘with’, além de seu sentido de combinar, originalmente tinha também o de remover; isso ainda se percebe nos compostos ‘withdraw’ (‘remover’) e ‘withhold’ (‘reter’). De maneira semelhante, em alemão ‘*wieder*’ [‘junto com’] e ‘*wider*’ [‘contra’]. Outra característica da elaboração onírica também tem seu correspondente na evolução da linguagem. No antigo idioma egípcio, assim como em outras línguas menos primitivas, a ordem dos sons numa palavra pode ser invertida, ao mesmo tempo conservando a

mesma significação. Constituem exemplos disso, no inglês e no alemão. ‘*Topf*’ — [‘*pot*’] (‘panela’); ‘*boat*’ (‘barco’) — ‘*tub*’ (‘banheira’, ‘barco para prática de remo’); ‘*hurry*’ (‘pressa’) — ‘*Ruhe*’ [‘rest’] (‘descanso’); ‘*Balken*’ [‘beam’] (‘viga’) — ‘*Kloben*’ [‘log’] (‘tora’, ‘madeira’) e ‘*club*’ (‘clava’); ‘wait’ (‘esperar’) — ‘*täuwen*’ [‘tarry’] (‘esperar’, ‘demorar-se’). De maneira semelhante, encontramos no latim e no alemão: ‘*capere*’ — ‘*packen*’ [‘pegar’]; ‘*ren*’ — ‘*Niere*’ [‘rim’]. Inversões, como essas que ocorrem aqui, em palavras isoladas, efetuam-se de várias maneiras na elaboração onírica”.⁵

Para a psicanálise, o particular da língua é necessário à noção de estrutura. Para a lingüística, este particular é arbitrário. Estas noções se amparam respectivamente no discurso do analista e no discurso universitário. Um discurso modela a realidade sem esperar nenhum consenso do sujeito, dividindo-o, seja o que for que ele enuncie. Disso resulta possível situá-lo nos mais diversos discursos. O discurso do analista exprime o sujeito como outro, ou seja, lhe remete a chave de sua divisão. O discurso da ciência torna o sujeito mestre, na medida em que o desejo que lhe dá validade ao mesmo tempo o subtrai. É também por isso que aí se manifesta um real próximo do discurso histórico.

Entre psicanálise e etnologia, por seu turno, não há o menor obstáculo. Não se pode esperar que se encharque o terreno da etnologia com a noção de inconsciente, nem que uma psicanálise possa fazer o censo dos mitos que condicionaram um sujeito por ter crescido no Togo ou no Paraguai. A psicanálise não obterá outro mito além do Édipo freudiano, que aliás é controverso, porque no sexual o que importa é o cômico e curiosamente para designar isto Freud recorre a uma tragédia. Não se entende por que ele não designou por intermédio de uma comédia isso que está em jogo na noção de estrutura, isto é, na relação que liga o simbólico, o imaginário e o real. No seminário sobre os quatro discursos,⁶ Lacan dirá que é o significante-mestre que determina a castração e que o complexo de

⁵FREUD, S. A elaboração onírica. Conferência XI. Vol. XV.

⁶LACAN, J. Seminário XVII. O avesso da psicanálise.

Édipo, um sonho de Freud, é inutilizável. Um psicanalista jamais fará uso de mitemas para realizar seu ofício de interpretação, inclusive porque a análise do mito é intraduzível.

O tratamento psicanalítico não pode transcorrer a não ser em uma língua particular o que garante que não há metalinguagem. Não é possível universalizar seus achados a não ser recorrendo-se aos artifícios topológicos: as noções de dentro e fora, de direito e avesso, etc., acabam exigindo que uma topologia se especifique melhor que uma mitologia para dar conta do discurso analítico.

O mito, na acepção de Lévi-Strauss, recusa tudo o que está posto tanto na interpretação dos sonhos como na instância da letra no inconsciente. Não opera nem por metáfora nem por metonímia. Não condensa nem desloca, simplesmente aloja. Diante do real, impossível de dizer, recorre-se ao mito, mas este se verifica impotente para dar conta da noção de estrutura.

A interdição do incesto é um mito para evitar a relação sexual entre gerações vizinhas, a endogamia. Se fosse impossível a relação entre pais e filhos tal como o é entre um homem e uma mulher, a exogamia, não seria preciso o mito do incesto. A interdição do incesto é uma lei suplementar necessária para evitar a relação sexual lá onde ela é possível, lá onde a relação não se escreve como impossibilidade. Se a relação sexual entre gerações vizinhas se escrevesse como impossibilidade não seria preciso o mito do incesto, porque não haveria relação sexual entre gerações vizinhas. No inconsciente, o homem não sabe nada da mulher nem a mulher do homem. O falo resume o mito em que o sexual se traduz em significante.

A noção de estrutura em psicanálise e particularmente em Lacan, privilegia a noção de significante. Dado que o significante representa um sujeito, não um significado, para um outro significante, não para um outro sujeito, o significante não pode sucumbir ao signo, que representa alguma coisa para alguém: não há fumaça sem fogo. O psicanalista deve estar advertido de que esta alguma coisa da qual deve se ocupar é a divisão do sujeito, que não deve ser tomada por uma coisa, posto que é falha e de estrutura. Trata-se da divisão do sujeito do inconsciente: aquele que não sabe o que diz quando alguma coisa é dita pela palavra que lhe falta, assim como por uma conduta singular que ele crê ser sua.

A divisão do sujeito aspira que o outro seja o que constitui o significante, pelo que o significante não poderia representar um sujeito para um outro significante.

A divisão do sujeito ressoa as vicissitudes do saber do sexual sempre traumático, sempre condenado ao fracasso pelo fato de que o significante não está apto para formular na estrutura a relação sexual.

A relação sexual é entre dois, entre algum dois. Sua satisfação, segundo Freud, só pode se dar na reunião que a lógica escreve como: ou um ou outro.

Então, é preciso encontrar o alguém que o signo enuncia. Na experiência psicanalítica o alguém é o *aqui* que não se torna *agora*, embora para Lacan se torne no psicanalista e sobretudo lacaniano. Logo todos serão lacanianos – vitupera Lacan – o que prova por exemplo que estejamos, psicanalistas, hoje aqui estudando-o.

Mas, ele não deixa de anteciper sua frustração. Duas décadas depois de sua morte e seu objeto conhecido como pequeno *a*, não teve o reconhecimento, na comunidade, que ele aspirava, como disse na aula denominada Campo Lacaniano.⁷

Os progressos na pesquisa psicanalítica sempre tomaram o rumo da relação de objeto. O objeto oral e anal de Freud foram reconhecidos. O objeto falo ganhou estatuto de organizador da libido, do gozo fálico. Os objetos seios bom e mau de Klein também foram reconhecidos. O objeto transicional de Winnicott foi reconhecido até pelo próprio Lacan.

O conceito de objeto *a* é mais consistente na conceituação da angústia. Dado que a angústia, na mão dos melhores filósofos, estava sem objeto, provê-la com o objeto pequeno *a*, isto é, com um objeto sem consistência senão lógica foi um verdadeiro achado. Mas, a comunidade filosófica o recusou.

Nas mãos dos melhores psicanalistas, o objeto pequeno *a*, uma vez articulado ao “efeito de angústia que provoca o esvaziamento que o discurso analítico produz ao fracassar em sua produção” do significante mestre, acabou ficando identificado ao próprio significante mestre, entendido como um significante novo que como o real não tem nenhuma espécie de sentido e sendo mal manejado mesmo pelos psicanalistas que o receberam diretamente de seu seminário.

⁷ Ver Seminário XVII.

Dito de uma maneira anedótica: Lacan permanece na comunidade mais identificado ao conceito de significante de Saussure que ao conceito de objeto *petit a* de Lacan.

Eis o que dá razão ao repórter de perguntar sobre a dívida intelectual de Lacan a Saussure e Lévi-Strauss.

Lacan responde que isso se deve ao discurso do capitalista, que toma o lugar, na contemporaneidade, do discurso do mestre e arregimenta toda uma cumplicidade baseada no hoje comum afeto do tédio, afeto do desejo de Outra-coisa escrito com *grand A*. Embora afirme que isso não diz nada do *petit a* já que ele só é dedutível na psicanálise de cada um.

Não há fumaça sem fogo é o exemplo daquilo que representa alguma coisa para alguém. É ao fogo, segundo Lacan, que esse não [esse *pas*] faz signo. O que faz signo está de acordo com a noção de estrutura porque desde Prometeu⁸ uma fumaça é o signo desse sujeito que representa um fósforo para a caixa de fósforos. Em um Ulysses abordando uma margem desconhecida, uma fumaça permite presumir que não é uma ilha deserta. Uma fumaça também pode ser o signo do fumante.

Lacan pede mais rigor com o conceito de signo. Duvida que se possa encontrar o alguém a quem o signo quer apresentar alguma coisa:

Que quer dizer *ser signo*?. É sobre isso que quebro a cabeça. A negação é um signo? Outrora tentei colocar o que é isso na instância da letra. Dizer que o signo da negação, que se escreve assim [¬], não tem como ser escrito, é dizer tudo? Que é negar? Que se pode negar? Isso nos coloca no banho da *Verneinung* da qual Freud promoveu o essencial. Ele enuncia que a negação supõe uma *Bejahung*, que é a partir de alguma coisa que se enuncia como positiva que se escreve a negação. Em outros termos, o signo deve ser procurado - é bem o que nesta *Instância da letra* coloquei - como congruência, do signo ao real.⁹

⁸ Prometeu, um dos titãs, o qual, segundo a mitologia grega, roubou o fogo do Olimpo e o deu aos homens, ensinando-os a empregá-lo, razão por que Zeus o castigou, acorrentando-o no cimo do Cáucaso.

⁹ LACAN, J. L'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre. Seminário de 10 de maio de 1977. O impossível de apreender.

O debate enfim entre psicanálise e semiótica acerca do signo pode ressoar o mesmo que se reparte entre os que vêem o mundo como fenômeno e os que o vêem como nômene: objeto inteligível, em oposição ao objeto que se conhece pela intuição sensível.

Para que se entenda o que muda comparemos o: não há fumaça sem fogo com o: não há prece sem deus. Também os incêndios de florestas não mostram o alguém ao qual se dirige o fumante. Ainda para que se entenda o que muda evoquemos a alegria fálica, a urinação primitiva com a qual o homem, diz a psicanálise, responde ao fogo. Vê-se que há mais mistérios sobre o sujeito do que pensa a nossa vã psicanálise. Os objetos do capitalismo são, na perspectiva marxista da mais-valia, produtos da exploração. O objeto da psicanálise, o mais-de-gozar, que faz dizer: “esse é alguém”, quando for reconhecido poderá permitir ao psicanalista esclarecer esse não, esse passo com o passe.